

CASO ETIENE E A PREFEITURA DE BELO HORIZONTE: UMA ANÁLISE SOBRE RACISMO

Inês Ferreira da Silva*

Fernanda de Paula Carvalho**

RESUMO

Este é um estudo acerca das representações sociais presentes nos discursos de leitores de uma reportagem do site The Intercept Brasil, com tema a denúncia de racismo contra uma mulher no ambiente de trabalho. Realizou-se uma pesquisa documental, do tipo descritiva, de abordagem qualitativa, partindo da questão norteadora: quais as representações sociais presentes nos discursos de leitores de uma reportagem sobre a demissão de uma mulher negra, que envolve denúncia de racismo no ambiente do trabalho? Considerando que as Representações Sociais conduzem a classificar e interpretar aspectos do cotidiano no intuito de criar uma realidade comum, este trabalho tem como objetivo geral, analisar as representações sociais presentes nos discursos de leitores da reportagem citada. Os objetivos específicos consistiram em descrever os conteúdos dos comentários acerca de uma reportagem de demissão de uma mulher negra vítima de racismo; identificar as representações sociais sobre a mulher negra, a partir de uma reportagem que envolve a situação de demissão após denúncia de racismo; e, por fim, identificar os elementos psicossociais que relacionam a cor da pele da mulher ao mercado de trabalho. Assim, realizou-se a análise de conteúdo de Bardin (2011), acerca dos 89 comentários da reportagem publicada no site, intitulada “Denunciei o racismo e fui exonerada”. Os resultados da pesquisa indicaram que, as representações sociais relacionadas ao negro, de maneira geral atuam como delimitadores da pessoa negra através do racismo, este que pode configurar-se de maneira direta ou velada, caracterizando os sujeitos por estigmas a partir de representações relacionadas à significados pejorativos.

PALAVRAS-CHAVE: Representações Sociais; Mulher Negra; Racismo.

ABSTRACT

This is a study about the social representations present in the readers' speeches in the light of a report from The Intercept Brasil website with theme, the complaint of racism against a woman in her workplace. A descriptive, qualitative documentary research was conducted based on the following guiding question: What are the social representations in the readers' discourses of a report about a resignation of a black woman, which involves racism complaint and work environment? Considering that the Social Representations lead us to classify, interpret aspects of daily life in order to create a common reality, this study has as its general objective, to analyze the social representations present in readers' speeches of a quoted report. The specific objectives were: Describe the contents of the comments about a resignation report of a black woman victim of racism; Identify the social representations of black women, based on a report that involves the resignation situation after racism complaint; and, finally, identify the psychosocial elements that relate women's skin color to the job market. Thus content analysis by Bardin (2011) was performed using the 89 comments of the article published on website entitled “I denounced racism and was exonerated”, which were organized and separated into categories. The research results indicated that the social representations related to black people, in general, act as delimiters of the black person through racism, which can be directly or veiled, characterizing subjects by stigmas from intended representations related to derogatory meanings.

KEYWORDS: Social Representations; Black Women; Racism.

¹ Graduanda em Psicologia na FCV-Faculdade Ciências da Vida. *E-mail:* ynesferreira14@gmail.com

²Mestra em Psicologia, docente da Faculdade Ciências da Vida. *E-mail:* nanda_depaula@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

As Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici e autores afins compartilham a ideia de que a vida social é mantida a partir dos processos de comunicação pelos quais os sujeitos dialogam entre si, dando significado aos contextos da vida cotidiana. Ditas como fenômenos, as Representações Sociais estabelecem interpretações, a partir de conteúdos coletivos que, partilhados, logo internalizam e, concomitante, inferem sentido e norteiam determinadas ações dos sujeitos, tendo como proposição, ora uma ideia de manutenção, ora de modificação de padrões (MOSCOVICI, 2007).

Dessa forma, aproximando a discussão das representações sociais ao “ser negro”, é importante entender que a construção e reconstrução deste lugar perpassam pela maneira como o grupo étnico racial negro se apresenta e como foi socialmente construído. As representações são essenciais para edificação e reestruturação das identidades singulares ou do grupo. Desta forma, as mesmas podem promover transformações, alterando o modo como as pessoas as compreendem e as julgam (FERNANDES, SOUZA 2016).

Assim, os pressupostos criados para o arcabouço do presente artigo foram: o fato de a trajetória da mulher negra no mercado de trabalho ser historicamente marcada por discriminações de classe, raça e gênero; as mulheres sofrerem racismo nos ambientes de trabalho; a visão sobre o lugar das mulheres negras no mercado de trabalho estar ligada às posições de serventia. Sendo assim, se propôs, como objetivo geral, analisar as representações sociais presentes nos discursos de leitores de uma reportagem que apresenta a situação de demissão de uma mulher negra, envolvendo denúncia de racismo no ambiente de trabalho. Como objetivos específicos, buscou-se descrever os conteúdos dos comentários acerca da reportagem; identificar as representações sociais da mulher negra presentes nos comentários deste artigo, e identificar os elementos psicossociais que relacionam a cor da pele da mulher ao racismo no ambiente de trabalho.

Diante do exposto, entende-se que a investigação pode colaborar, tanto como material relevante para o âmbito acadêmico e social, quanto para as considerações existentes sobre as representações sociais estereotipadas relacionadas à mulher negra; além da importância de desmistificar ideias arraigadas advindas de épocas antigas em relação ao negro, como o período colonial. Este trabalho se justifica por entender que as manifestações de racismo são atravessadas por uma construção de estigmas sobre o ser negro. Portanto, compreender tais elementos poderão contribuir com o campo da Psicologia dentro desta complexidade social,

refletindo as construções errôneas que remetem às representações sociais do negro, como, por exemplo, em relação ao cuidado e acolhimento das vítimas de racismo, na luta antirracista, bem como entender que o racismo no Brasil é reforçado por estereótipos, que muitas vezes distorce a construção da identidade negra (JÚNIOR; FOSTER, 2017).

Ademais, esta pesquisa visa promover a reflexão do pensamento social sobre as possíveis representações sociais estigmatizadas em relação negro e sobre as relações de dominação impelidas a partir de uma construção histórica de privilégios da pessoa branca versus a exclusão da pessoa negra. Dessa forma, realizou-se uma pesquisa descritiva, qualitativa, acerca da problemática: quais as representações sociais presentes nos discursos de leitores de uma reportagem sobre a demissão de uma mulher negra, envolvendo racismo no ambiente de trabalho? Para isso foi realizada uma pesquisa documental, que se baseou na análise de uma reportagem que denuncia o racismo, publicada no portal da *The Intercept Brasil*, escrita pela própria denunciante do racismo, uma jornalista negra. Os conteúdos foram obtidos através dos comentários - que totalizaram 89 opiniões, as quais foram analisadas à luz da teoria de Bardin (2011).

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 REPRESENTAÇÃO SOCIAL

Tendo como referência a Psicologia Social, o trabalho apresentado inicia a construção dos eixos temáticos a partir do conceito sobre a Teoria das Representações Sociais à luz de Serge Moscovici, bem como contribuições de autores afins. O termo Representações Sociais ilustra os conhecimentos adquiridos no dia a dia pelo senso comum, considerando as relações entre indivíduos em grupos como sendo importantes para a compreensão de realidades sociais (CAMARGO, 2015). Assim, as Representações Sociais expressam um modo de conhecimento mental a fim de interpretar e pensar a realidade do dia a dia, ou seja, como uma maneira a partir da qual os indivíduos e os grupos desenvolvem suas posições relacionadas às situações, objetos e eventos tendo, nas relações sociais, as possibilidades de construir explicações sobre eles (SOUZA, 2019).

Dessa forma, a Teoria das Representações Sociais tem, como objeto de estudo, o senso comum, o qual pode sofrer variações de conhecimento no que diz respeito à realidade de cada grupo, pois, partindo da existência de um pensamento social, direciona a pesquisa dos processos

cognitivos a partir da ideia de como as pessoas pensam no dia a dia (ABRIC, 1998; JODELET, 2001). Ainda, com a ideia de deixar claro o conceito, afirma-se que os seres humanos são cercados por diversas imagens, palavras e ideias, pelas quais enveredam nossa atividade mental por meio dos sentidos. Logo, tudo que o indivíduo ouve, sente, fala e interage, se dá por intermédio dessas ações, que corroboram para a constituição de representações (CINDIA; CURY, 2015).

Também, a partir dessa perspectiva, a autora Jodelet (2001) afirma que é importante que o indivíduo se comporte no mundo e que o domine, seja de maneira física ou intelectual, sendo preciso sinalizar e deliberar os problemas. Desta maneira, há o estabelecimento das representações, pois estas se direcionam a fim de nominar os diferentes pormenores da vida cotidiana, seja para interpretar questões, decidir algo e, em alguns momentos, disporem-se, até, de modo mais defensivo. Jovchelovitch (2004) comenta que a representação nada mais é que uma mediação construída no elo do indivíduo psíquico com o real.

2.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O RACISMO

Considerando a temática da Representação Social, é importante reverberar as nuances no envolvimento das Representações Sociais da mulher negra, tendo como escopo os desdobramentos do racismo. Considerando todo processo da escravização, os autores Figueira *et al.* (2018) pontuam que esse período no Brasil, deixou vestígios que hoje se coaduna através da ocupação de subempregos, baixa escolaridade e morte da juventude negra. O processo histórico relacionado ao negro, o pensamento social ao seu respeito mantém-se, nos dias atuais, o negro no período escravocrata era responsável pelo serviço pesado, desempenhava atividades sem o uso do intelecto. Hoje, é possível se deparar com expressões e representações como outrora e, de tanto serem reproduzidas, acabaram não sendo ‘contestadas’. Expressões como *preguiçoso*, *malandro*, dentre outras nomeações, constituem um modelo de estereótipos que substanciam e reforçam a situação de inferiorização do negro na sociedade (ASSIS, 2017).

Para maior entendimento sobre esta construção histórica, é possível apreender que, após a abolição, os negros foram substituídos por imigrantes, pois estes detinham o domínio sobre a maquinofatura nas produções agrícolas, o que culmina no deslocamento de muitos negros para áreas urbanas e nas suas lidas com funções subalternas, visto que poucos usufruíam de educação e não tinham condições de ascender na vida (ASSIS, 2017; JUNIOR; FOSTER, 2017). Contudo, é importante elucidar que uma das formas de enfrentamento ao racismo

movimenta-se, justamente, para a desconstrução de tais apresentações históricas, bem como fomenta reflexões sobre tais denominações e seus impactos (ASSIS, 2017).

De acordo com Sawaia (2001), os estereótipos se relacionam aos atributos designados a uma categoria social, advindos de uma construção cognitiva pautada no senso comum. É importante salientar que o ser humano vive rodeado por informações transmitidas por diversos meios de comunicação, nos quais os relatos estão imersos em estereótipos e conotam ser desfavoráveis aos negros. Diante da construção da subjetividade, deve-se considerar que o homem relacional aprende a falar e, logo, a pensar, relacionando-se com o meio, este no qual as palavras apreendidas transportam o estereótipo junto à subjetividade, a partir da perspectiva emocional e dos valores que atuarão no comportamento humano, ou seja, carregarão juízos de valor preconcebidos (BACCEGA, 1998).

Segundo os autores Fernandes e Souza (2016), as representações que permanecem considerando a questão do racismo e toda a construção histórica de uma população negra marcada pelo período escravocrata são construções procedentes de discursos de uma supremacia de um povo sobre outro. Tal hegemonia trata as ideias de representação sob a ótica eurocêntrica, forjando, como regra, os modelos *homem*, *heterossexual*, *cristão* e *branco*, como representações que são capazes de predominar um grupo social em função de outrem. Daí é possível ‘problematizar’ diversos discursos acerca da desigualdade social, de gênero, de raça, dentre outras.

Foster (2015) se debruça em alguns estudos e elucida que os europeus, nos primeiros contatos com os africanos, dirigiam seus comentários a partir da ideia de *bárbaros*, incumbindo o estereótipo sobre a população negra que se faz presente ainda nos dias atuais, de maneira mais naturalizada. Em outras palavras, a autora complementa e enfatiza que o negro remetia à representação do *mal*, do *diabólico* e *demoníaco*. Nesse sentido, Gomes (2005) acrescenta que a sociedade brasileira se depara com a negação do racismo e da desigualdade racial comparados com outras etnias raciais do país, no que diz respeito ao mercado de trabalho, à educação básica e às universidades, lugares onde o negro ainda convive com o desigual.

2.3 MULHER NEGRA E O AMBIENTE DE TRABALHO

Embora os movimentos feministas contribuam significativamente para a emancipação da mulher, bem como os movimentos do feminismo negro, a mulher negra, ainda sim, precisa lidar com o pensamento social que a reconhece como sendo subserviente, ora titulada como

doméstica, ora por um corpo sexualizado, objetificado; sem falar da discriminação de ser mulher e ser mulher negra (NASCIMENTO, 2016). Toda essa ideia propõe que a mulher negra sempre estará a servir. Isso se deve a toda uma construção histórica do período colonial, da figura da ama de leite, que cuidava, amamentava, além de possuir dotes culinários e domésticos, que hoje se fazem presentes no papel da mulher e, também, da empregada doméstica (SANTOS, 2017).

A mulheres negras no mercado de trabalho se deparam com três questões pertinentes: as desigualdades de gênero, de raça e classe. Historicamente, as mulheres negras ocuparam postos subalternos decorrentes de um processo escravocrata de exploração trabalhista, escravista e sexual, impostos pelo homem branco. As mulheres negras trabalhavam e ficavam boa parte do tempo fora de suas casas, como escravas. Sua liberdade e todos os outros aspectos de suas vidas eram comprometidos ficando à mercê do trabalho coercitivo. Dentro dessa construção sócio-histórica do período colonial, considera-se a trajetória da mulher negra associada como ideal, do trabalho doméstico, cozinheira e, arrumadeira (DAVIS, 2018).

As questões racial e de gênero são pertinentes na sociedade no âmbito do trabalho e da mulher negra. Segundo Cisne (2015), existe uma divisão do trabalho que constitui uma hierarquização entre homens e mulheres. Majoritariamente, a mulher negra aparecerá na base da pirâmide, ou seja, é a menos valorizada. Logo, em termos de capital, encontra-se abaixo do homem e compõe um fenômeno hierárquico que foi construído ao longo da história, decorrente, principalmente, do patriarcalismo.

É importante ressaltar que, normalmente, a mulher negra faz parte da parcela mais pobre da sociedade brasileira e, em relação ao mercado de trabalho, muitas delas experienciam baixos salários e são acometidas com as mais altas taxas de desemprego. Igualmente, exercem trabalho subalterno, desvalorizado e de baixo salário, em detrimento aos aperfeiçoamentos profissionais e às dificuldades de conclusão de suas escolarizações (CINTRA; EVA, 2016). Embora haja, na sociedade contemporânea, todo o avanço da globalização e da tecnologia, ainda assim, a conjuntura das mulheres negras necessita alcançar estratégias relevantes, considerando os embaraços sociais devido às desigualdades sociais, de gênero de raça (SANTOS *et al.*, 2017).

3 METODOLOGIA

Este trabalho se refere aos procedimentos de uma pesquisa documental, que consiste em um estudo de documentos ainda não submetidos a nenhum método de análise. O método

abarca uma análise de documentos dos mais diversos, podendo ser documentos escritos ou não; documentários, filmes, dentre outros que são norteados como matéria-prima com a qual o pesquisador explorará sua investigação e desempenhar sua análise (SEVERINO, 2016).

Para este estudo, propôs-se a análise de uma reportagem escrita e publicada pela jornalista Etiene Martins, do portal *The Intercept Brasil*, em 19 de setembro de 2019. Quanto ao tipo de pesquisa, optou-se pela abordagem qualitativa, que visa entender e aprofundar o fenômeno, obtendo maior coesão, realçar novas informações, com foco na interpretação, e considerar a riqueza como significado desta construção e da complexidade da sociedade em que a mesma foi gerada (BRAGA; TUZZO, 2017).

Quanto à natureza, caracteriza-se enquanto uma pesquisa descritiva, com o objetivo de descrever informações concernentes aos elementos de grupos, das relações, no envolvimento de fatos e de uma gama de fenômenos (GIL, 2002). Dessa forma, para melhor construção, o trabalho utilizou-se, como aporte teórico, de escolhas de artigos científicos, de bases de dados, como *Scielo*, teses de mestrados, revistas científicas, livros em PDF, Google Acadêmico, além de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSICO), a partir dos quais se deu a seleção dos descritores: *representações sociais, mulher negra e racismo*.

A definição da amostra se deu após um levantamento nos principais jornais de Belo Horizonte e região. O critério utilizado foi a identificação de conteúdos relacionados ao “Caso Etiene” nos portais de maiores influência e público de Minas Gerais, como BHaz, Estado de Minas, Globo Minas, Metrô BH e *The Intercept Brasil*. É importante salientar que, após este levantamento inicial, optou-se por priorizar os comentários identificados no jornal *The Intercept Brasil*, pois, apenas neste canal, foi possível acessar os comentários sobre a notícia, que são a base para a investigação deste estudo. Outro elemento relevante para escolha deste portal/site foi o fato desta reportagem ter sido escrita pela própria denunciante.

Após priorizada a reportagem do site *The Intercept*, todos os comentários foram organizados, distribuídos em uma tabela e analisados quanto aos elementos comuns, conforme o método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2011). Partindo do objetivo do trabalho de analisar as representações sociais presentes nos discursos de leitores, considerou-se 89 comentários publicados no site acerca do caso denunciado e publicado pela Etiene Martins. Para análise e interpretação dos dados, Bardin (2011) foi utilizado como referência teórica com o objetivo de desenvolver a análise de conteúdo a partir dos elementos recorrentes nos 89 comentários. Os mesmos foram organizados e descritos, resultando categorias de análise: o racismo: entre negação e reconhecimento; e racismo à ‘brasileira’.

3.1 O SITE THE INTERCEPT BRASIL

A *The Intercept* é uma agência de notícias criada em 02 de agosto de 2016, em uma garagem no bairro Botafogo, no Rio de Janeiro. A agência tem, como premissa, ofertar aos leitores do mundo um jornalismo independente, de acordo com o modelo dos Estados Unidos, onde foi criado em 2013. A agência é composta por jornalistas e colaboradores que buscam trazer à tona assuntos relacionados à corrupção e à injustiça, em diferentes contextos, contando com os avais de aparatos editoriais e suportes legais para exposição dos mesmos. As notícias são fomentadas em investigações nas áreas de política, corrupção, meio ambiente, segurança pública, tecnologia, mídia, dentre outros.

Tais informações foram obtidas com base na descrição compartilhada no próprio site, a partir de Leandro Demori, Diretor Executivo da Agência *The Intercept Brasil* (2019).

3.2 A REPORTAGEM: “DENUNCIEI O RACISMO E FUI EXONERADA”.

No que tange à reportagem analisada neste artigo, que segue em anexo, o texto foi publicado em 19 de setembro de 2019, pela jornalista Etiene Martins no site *The Intercept Brasil* com o título “Denunciei o racismo e fui exonerada”. Neste contexto, a jornalista recebeu um e-mail que dizia que ‘lugar de negra é limpando o chão’. Etiene, em outubro de 2017, foi nomeada Gerente de Prevenção à Violência e Criminalidade Juvenil na Secretária Municipal de Segurança e Prevenção da Prefeitura de Belo Horizonte, sendo a única pessoa negra do setor. Tinha, como uma das funções, coordenar o Programa de Prevenção à Morte de Jovens e Adolescentes, população com maior índice de homicídios na capital mineira e em todo o Brasil. Conforme relata Etiene, a maioria desse grupo se caracteriza como sendo homem, negro, morador da favela e pobre.

Etiene nasceu na periferia, é formada em Comunicação e pós-graduada. Ela relata que tivera apoio e estrutura dos pais, que acompanharam o seu crescimento. Etiene ressalta na reportagem que “ocupar o cargo estava para além de ser uma fonte de renda, mais uma missão”. Conta que sofrera racismo dos colegas de setor, mas que relevou algumas atitudes. No entanto, em junho de 2019, optou por oficializar uma queixa sobre racismo institucional na Secretária Municipal de Segurança e Prevenção. *Mais uma*, pois já havia feito queixa na Corregedoria em novembro de 2018. A situação de denúncia diz respeito a um guarda municipal que disse, em

determinado momento, que “preto bom é preto morto”. A Corregedoria, após seis meses, concluiu que haviam sido apenas falas inapropriadas.

O guarda admitiu ser autor da fala e alegou que foi apenas uma ‘brincadeirinha’. A mesma fez boletim de ocorrência e, antes de ir à Delegacia, foi orientada por alguns colegas a não ir adiante com o caso. Não obstante à situação, o clima ficou insustentável, pois Etiene dividia o espaço de trabalho com o guarda.

Após um dia do seu boletim de ocorrência - B.O, sua chefe e Diretora de Prevenção Social ao Crime e à Violência, Marcia Cristina, encaminha um *e-mail* para Etiene com os seguintes dizeres: “Depois da sua argumentação de hoje, você me faz constatar que para representar a Secretaria Municipal de Segurança e Prevenção (SMSP) é necessário um gerente branco [...] e lugar de negra é limpando o chão”. Etiene relata que viveu um ano e sete meses de racismo velado, tempo em que esteve como gerente do programa, transmitidos através de mensagens subliminares e indiretas. Conta que fez o B.O. do racismo em relação ao *e-mail* de sua chefe. No entanto, após dois meses e meio depois da publicação sobre o racismo que sofrera, a mesma foi exonerada do cargo antes mesmo da conclusão da Corregedoria.

Nos próximos tópicos, serão apresentadas as categorias construídas a partir da análise dos comentários, conforme metodologia descrita acima.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 RACISMO: ENTRE NEGAÇÃO E RECONHECIMENTO

4.1.1 Negação

A partir da organização e descrição dos comentários, considera-se que as manifestações se realizaram a favor de Márcia Cristina, chefe de Etiene. Diante das diferentes falas, observou-se que muitos leitores não destacam a responsabilidade da prática de racismo da mesma, sobretudo pela construção social da imagem da Márcia Cristina, profissional que atua há muitos anos em políticas públicas e em diversas ações e projetos na defesa e promoção dos direitos de crianças, adolescentes e jovens. É significativo o número de comentários que se direcionam sobre este lugar e que, conseqüentemente, não apresentam sua responsabilidade sobre a prática de racismo. Contudo ressalta-se uma negação de racismo na atitude da servidora Márcia, em que os leitores não pontuam.

“O discurso de Etiene sensibiliza. Acontece que ela ataca uma pessoa que não merece isso, por toda uma vida dedicada às causas sociais, trabalhando inclusive em políticas contra o racismo”. (B.C.)

“Conheço Marcia Alves, e ela não é racista, e sim vítima de um crime cibernético, que já está sendo apurado. Márcia Alves é uma guerreira das Políticas Sociais de BH há mais de 20 anos de luta contra a desigualdade social fazendo valer os Direitos Humanos... Agora vejo sua vida sendo destruída virtualmente por uma pessoa que usa de sua raça para se promover politicamente” (D)

Considerando essas duas falas, pode-se dialogar sobre a constituição da representação social, pois, quando um sujeito expõe sua opinião e, concomitante, é influenciado pelas representações e falas de seus grupos sociais de pertença, seja por opiniões contrárias, seja por outras expressões sobre a situação em questão. Ou seja, manifestar uma opinião sobre determinado ocorrido (objeto) é porque já representou algo sobre ele (SANTOS, SCOPINHO 2015). Conforme Guareschi, (2011), os grupos socialmente dominantes geram falas construtoras de representações sociais que depreciam o diferente. Isso significa que o grupo dominante branco, com intuito de “familiarizar” o que não é familiar como as características físicas e culturais do negro, e acabam construindo representações sociais que menosprezam o negro, fazendo com que este fique à margem da sociedade (SANTOS, SCOPINHO 2015). Isso se dá uma vez que existe uma naturalização do racismo, bem como o sexismo, os quais concernem na manutenção de estigmas sobre o negro (CARNEIRO, 2015).

Entretanto, é importante salientar que, apesar de existir historicamente uma negação sobre o racismo, algumas pesquisas apontam sua existência, no cotidiano, nas relações de gênero, na educação, na universidade e no mercado de trabalho, nas quais negros são discriminados comparados a outros grupos (GOMES, 2005).

Contudo, Jovchelovitch (1998) pontua que as representações são simbólicas e revela o lugar que o sujeito representa e que correlaciona a determinações de identidade, interesses e posições sociais. Desse modo, a partir da mensagem pejorativa e preconceituosa recebida por Etiene, que dizia respeito ao lugar que ela deveria ocupar, confirma-se a caráter dominante, exercido por Márcia, a qual os leitores defendem devido ao seu percurso profissional promissor, mas que não pode ser anulado diante da prática do racismo exercido por ela.

4.1.2 Reconhecimento

A partir de alguns comentários, contudo, foi possível observar que muitos leitores reconhecem o racismo sofrido pela Etiene e legitimam sua postura em denunciar. Nesse sentido,

esses discursos fazem alusão aos desafios de lidar com o racismo que exclui, trajado com marcadores sociais construídos historicamente, e que perduram nos dias atuais, sendo alvos de lutas constantes diante das construções de expressões estigmatizadas.

“O racismo me impede de ter uma vaga de emprego decente e de ter um salário justo de acordo com minha competência e atribuições. E ainda assim eu ouço de colegas e parentes que não, que as coisas estão mesmo difíceis e que nada tem a ver com a cor de minha pele. O Brasil não aboliu a escravidão, apenas a escondeu debaixo do tapete. Somos nós negros quem morremos, somos nós presos, perseguidos, demitidos, feridos no corpo... E ainda somos acusados de mimimi por expor e denunciar tais abusos”. (M.S.)

“Depois de tanta luta, ainda somos alvos das armas do racismo e inquestionável insistência em nos extinguir. E não me refiro apenas ao Brasil, falo da história da humanidade, sempre perseguidos, violentados e dizimados por causa da cor de nossa pele, das características étnicas faciais e de nossos cabelos”. (C.G.)

Nascimento (2016) aponta que o Brasil teve uma suposta abolição, considerando que negros e negras vivem à mercê de uma sociedade que discrimina a mulher e ainda mais por ser negra, no qual impele um duplo preconceito. Sem dizer que, historicamente, os conceitos relativos ao físico dos negros são avaliados em tom negativo, como cabelo ruim, nariz grosso. Contrapondo a esta ideia, o movimento negro suscita um movimento oposto, de valorização da estética negra e toda a cultura afro (ALMEIDA, 2016). O Racismo, de acordo com Lima e Vala (2004), institui a exclusão do sujeito dito diferente de acordo com marcadores físicos, sejam eles reais ou imaginários, e que são relacionados a uma cultura que define as normas e os padrões de comportamento.

Os autores Figueira *et al.* (2018) pontuam que a escravização dos negros no Brasil deixou rastros e apresenta algumas consequências na contemporaneidade, como a ocupação de subempregos, baixa escolaridade, alto índice de morte da juventude negra. Complementam dizendo que a discriminação faz parte do racismo e que, de acordo com a Convenção Internacional para Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial da Organização das Nações Unidas (ONU), assim é definida como qualquer distinção, exclusão e restrição acerca da cor e raça (BRASIL, 1969).

4.2 RACISMO À ‘BRASILEIRA’

De acordo com alguns comentários, foi possível considerar que o racismo é reconhecido por muitos leitores como uma prática criminal. No entanto, muitos deles discorrem sobre o fato de seu modo de ocorrer ser um tanto quanto “sutil”, devido aos estereótipos

construídos acerca do negro desqualificarem-nos, deixando uma sequela visível sobre o corpo, sobre a identidade negra e sobre a cultura afrodescendente. É importante ressaltar que o racismo, na sociedade brasileira, ainda tem assumido maneiras mais “sutis”, que operam sobre estigmas para nomear e significar os corpos negros (Assis, 2017).

“Nós negros vivemos todos os dias com este racismo velado e muitas vezes escancarados. E infelizmente nada acontece com as pessoas racistas. ‘Foi só uma brincadeirinha’! Nos poupem”! (C.)

“... Esse tipo de situação não deveria acontecer com ninguém”. ...É realmente revoltante que não só muitos brasileiros recusem-se admitir as violências passadas contra a população negra como dispunham-se a perpetua-las sob novos pretextos e roupagens” (C.S.)

“Lamentável, estamos no século XXI e tem pessoas que pensam como se estivesse no século XIX ‘período de escravidão’”. (J.M.)

“De saco cheio de ouvir de autores de piadas e comentários racistas ... que foi sem querer, sem intenção de ofender”. (A.C.)

A partir desse grupo de comentários, é possível perceber a necessária compreensão da situação referente aos ataques à pessoa negra. Nesse sentido, dentro das práticas de racismo, pode-se citar o *insulto*, que pode ser manifestado através do uso de imagens e textos com tom de desvalorização da imagem do negro, ou seja, negativo e verbal. Nessas situações, ocorre uma dominação e configuração de privilégio sobre aquele que é vítima do insulto com intuito de convencer que a representação intitulada é a verdade máxima.

Assim, ressalta-se que o êxito do insulto difere sobre o desconhecimento do passado do sujeito; no caso do negro, facilitando sua ação (ASSIS, 2017). Guimarães, (2002) comenta que o insulto é toda nomenclatura de nomes, atos, gestos socialmente proibidos, que se referem a pessoas como animais, por exemplo. Além disso, o autor complementa e adverte que existe, no Brasil, uma ideia própria do senso comum, que protege o insulto como próprio, apenas, de contextos conflituosos. No entanto, o insulto pode, sim, ocorrer em situação de conflito, mas também pode instaurar o conflito.

De acordo com Lima (2018), vivemos sob a ótica de uma sociedade machista, racista e classista, que perdura para alguns autores na expressão “mito da democracia racial”, em que se acredita na negação de preconceitos e que o Brasil não se enquadra como racista, pois existe uma harmonia nas diferenças culturais, religiosas e étnicas. No entanto, a população negra convive com diversas práticas racistas. Já dizia Fanon (2008), sobre o negligenciar da cor da pele, fazendo que a classe dominante comece a negar a existência do racismo, oportunizando as condutas discriminatórias veladas. De acordo com o que se lida atualmente, o autor discorre

ainda que, enquanto existir a dúvida se existe ou não racismo, o racismo velado causará muitos infortúnios.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este estudo, foi possível compreender que as representações sociais colaboram como delimitadoras à pessoa negra, na medida em que, por meio do racismo, acabam caracterizando os sujeitos por estigmas e representações relacionadas à significados pejorativos. Portanto, permite-se compreender que as representações sociais são demarcadas pela existência de preconceitos construídos ao longo da história (MOSCOVICI, 2007).

É importante destacar que o racismo é notado por via explícita ou camuflado, e está no ambiente de trabalho, nas relações afetivas, nas escolas, enfim, no cotidiano de todos. Dessa forma, o racismo está presente na sociedade por um sistema de representações que atribui ao negro, sobretudo à mulher negra, estereótipos negativos e principalmente excludentes.

Nesse sentido, os comentários analisados, em grande maioria, fazem alusão ao racismo, mesmo em tempos onde ainda se banaliza o mesmo. Entretanto, a partir dos pressupostos elencados, foi possível identificar que, embora existam evidências em aparato de aporte teórico sobre os pressupostos suscitados, os mesmos não foram o cerne central dos comentários, uma vez que os leitores opinavam tendo referência o negro de maneira geral e não especificamente a mulher negra.

Este trabalho traz contribuições ao campo da Psicologia dentro desta complexidade social que é o racismo, desmistificando possíveis construções errôneas que ainda sustentam as representações sociais veladas sobre negro. Dessa forma, entende-se a possibilidade de contribuir para o cuidado e acolhimento das vítimas de racismo, na luta antirracista, bem como entender que o racismo no Brasil é reforçado por estereótipos que distorcem a construção da identidade negra (JÚNIOR; FOSTER, 2017).

Para a sociedade, é importante destacar, a partir deste estudo, a incumbência de denunciar e responsabilizar indivíduos que cometem o crime de racismo, se atentar ao que é velado ou silenciado e favorecer a construção de novos horizontes acerca da realidade da mulher negra, sobretudo no mercado de trabalho. Ressalta-se que, embora os objetivos específicos trouxessem, inicialmente, a questão das possíveis representações sociais da mulher negra, assim como a relação da cor da pele e as experiências no ambiente de trabalho, encontrou-se baseando na análise dos comentários que os leitores trouxeram significativamente e percebeu-se que as

representações sociais ainda estigmatizam a pessoa negra. Desta forma, mesmo sem especificar ou inferir sobre a mulher negra, notou-se a influência construída historicamente em relação ao racismo velado de maneira geral ao negro.

É importante destacar que o trabalho se limitou apenas a um portal de notícias por não terem sido identificados comentários em outros canais representativos de mídia de Belo Horizonte e região. Ao longo do desenrolar da pesquisa, algumas questões apareceram, para futuros trabalhos. Portanto, sugere-se aprofundar este tipo de pesquisa em outros jornais influentes, levando em consideração a temática das representações sociais sobre a mulher negra e sua postura quanto à inserção no mercado de trabalho em cargos de liderança, considerando que Etiene ocupava um cargo de gerência e, portanto, não se refere a uma mulher negra em posição subserviente, como aparece em diferentes referenciais teóricos sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das representações sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. de Oliveira. (Eds.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 27-38). Goiânia: AB. 1998. Disponível em: <link exato do artigo>. Acessos em: data 25 de jun. 2019.

ALMEIDA, S.S.M. Análise de traços e conteúdos estereotípicos de uma amostra de crianças negras. *Revista Psicologia em Foco*, v.8, n.11, p. 3 – 14. 2016. Disponível em: <<http://revistas.fw.uri.br/index.php/psicologiaemfoco/article/view/2454/2167>>. Acessos em: 25 de jun. 2019.

ASSIS, D. N. C. Corpos negros e representação social no brasil: uma discussão de gênero e raça. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 9, n. 21, p. 123-134, fev. 2017. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/231>>. Acesso em: 05 julh. 2019.

BACCEGA, M. A. (). O estereótipo e as diversidades. *Comunicação & Educação*, (13), 7-14. 1998. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i13p7-1>>. Acessos em: 15 de jun. 2019.

BRASIL. *Decreto nº65810, de 8 de dezembro de 1969*. Promulga a Convenção Internacional sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial. Brasília, DF, 1969. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/D65810.html>. Acessos em: 19 de jun. 2019.

BARDIN, L. L. *Analyse de contenu*. Editora: Presses Universitaires de France, 1977. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRAGA, C. F.; TUZZO, S. A. Dados abertos à brasileira: aspecto de uma cidadania denegada. *Comunicação & Inovação*, v. 18, n. 37, p. 48-65, 2017. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/4359>. Acessos em: 19 de jun. 2019.

CAMARGO, B. V. (2015). *Serge Moscovici (14/06/1925 - 16/11/2014): um percussor inovador na Psicologia Social*. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/wp-content/uploads/2015/05/camargo01.pdf>>. Acessos em: 19 de jun. 2019.

DAVIS, A. *A liberdade é uma luta constante – Ferguson, Palestina e as bases para um movimento*. (ed) BARAT Frank, São Paulo, Boitempo, 2018.

CARNEIRO, A. N. *Padrões de beleza elementos identitários de mulheres negras da periferia de Salvador/BA*. 2015. Dissertação (mestrado) Universidade da Bahia, Departamento de Ciências Humanas- Campus V, Programa de Pós-graduação em História Regional e local. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/view/2136>>. Acessos em: 19 de jun. 2019.

CINDIA R. E S.; CARPINA CURY. *Objetivação e ancoragem uma reelaboração de conceitos como possibilidades de acesso a singularidade do sujeito que aprende*. 2015. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19229_10726.pdf>. Acessos em: 15 de mai. 2019.

CINTRA, S. V.; EVA, W. S. *A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma reflexão sobre raça e gênero*. 4º Simpósio Mineiro de Assistente Sociais. 80 de Serviço Social: Tendências e Desafios Disponível em: <<http://www.cress-mg.org.br/hotsites/4-simposio-mineiro-de-assistentes-sociais?mn=83>>. Acesso em: 25 de Mar. 2019.

CISNE, M. *Gênero, Divisão Sexual do Trabalho e Serviço Social*. 2ª ed. São Paulo: outras expressões, 2015.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador. EDUFBA, 2008.

FIGUEIRA et al, *Ataques Cibernéticos: Representações Sociais da pessoa negra na internet*. *Revista Multidisciplinar e de psicologia*. 2018. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1229/1798>>. Acessos em: 02 de mai. 2019.

FOSTER, E. L. S. *Garimpando pistas para desmontar racismos e potencializar movimentos instituintes na escola*. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2015.

FERNANDES, V. B.; SOUZA, M. C. C. C. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. *Rev. Inst. Estud. Bras.*, São Paulo, n. 63, p. 103-120, Apr. 2016. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0020-38742016000100103&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 02 de out. 2019.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, N. L.. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações sociais no Brasil: uma breve discussão. In: Brasil MEC/SECAD. *Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal n.º 10.639/03*. Brasília: MEC/SECAD, 2005. (Coleção Educação Para Todos). Disponível em: <<http://www.forumeja.org.br>>. Acessos em: 02 de outubro de 2019.

GUARESCHI, P. Pressupostos psicossociais da exclusão: Competitividade e culpabilização. In B. Sawaia. (Org). *As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 2011. Petrópolis: Vozes.

GUIMARÃES, A. S. Al. O mito anverso: o insulto racial. In: *Classes Raças e Democracia*. São Paulo: editora 34, 2002. P. 169-195

JODELET, D. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: _____. (organizadora). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

JUNIOR, F. *O negro na comunicação: Estereótipos racistas*, 2017. Revista ALEPH. Disponível em: <<http://www.revistaleph.uff.br/index.php/REVISTALEPH/article/view/626>>. Acessos em: 02 de out. de 2019.

JOVCHELOVICH, S. Re (des)coabrindo o outro. Para um entendimento da alteridade na Teoria das representações sociais. In A. Arruda (Org.) *Representando a alteridade*. Petrópolis, RJ Vozes. 1998. Jovchelovitch, S. *Psicologia Social, saber, comunidade e cultura*, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n2/a04v16n2>>. Acessos em: 02 de outubro de 2019.

LIMA, A. *Mulheres negras “sozinhas”*: uma abordagem preliminar sobre as representações sociais dos corpos negros. 2018. Disponível em: <http://www.encontro2018.mg.anpuh.org/resources/anais/8/1534724180_ARQUIVO_Trabalhocompleto.pdf>. Acessos em: 15 de set. de 2019.

LIMA, Marcus Eugênio Oliveira; VALA, Jorge. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de Psicologia*, v. 9, n. 3, p. 401-411, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a02v09n3.pdf>>. Acessos em: 15 de outubro de 2019.

MOSCOVICI, S. *Representações Sociais: Investigações em psicologia social/ Serge Moscovici*: editado em inglês por Gerard Duveen: traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 5º edição ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007

NASCIMENTO, A. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Editora Perspectiva AS, 2016. Disponível em: <<https://afrocentricidade.files.wordpress.com/>>. Acessos em: 25 de set. 2019.

SAWAIA, B (Org). *As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

SEVERINO, A. J, 1941- *Metodologia do trabalho científico/ Antônio Joaquim Severino- 24*, ed. ver. E atual- São Paulo: Cortez, 2016

SOUZA, ARICLENNYS, SILVA, *A cordialidade e o branquíssimo (manuscrito) o discurso racista na representação social na pessoa negra no jornal Folha de São Paulo*, 2019.

Disponível em:

<<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/9311/5/Disserta%20a7%20a3o%20-%20Aryclennys%20Silva%20Sousa%20-%202019.pdf>>. Acessos em: 02 de out. 2019.

SANTOS, E.F.; SCOPINHO, R. A. A questão étnico-racial no Brasil contemporâneo: notas sobre constituição da teoria das representações sociais. 2015. Disponível em:

<<https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2015.11745>>. Acessos em: 20 de mai. 2019.

SANTOS, M. S. et al. Desigualdades de gênero: a mulher negra no mercado de trabalho. 7º Jornada Internacional de Políticas Públicas. 2017. Disponível em:

<<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo6/desigualdadesdegeneroamulhernegranomercadodetrabalho.pdf>>. Acesso em: 25 de Mai. 2019.

SANTOS, T. **Mulata e mãe preta do século XXI**: discutindo representações de mulheres negras no Brasil, 2017. Disponível em:

<http://www.wvc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499174405_ARQUIVO_ThaisSantosFazendoGenero.pdf>. Acessos em: 15 de out. 2019.

The Intercept Brasil. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/08/05/the-intercept-brasil-3-tres-anos/>>. Acessos em: 15 de nov. 2019.

ANEXOS

ANEXO 1: REPORTAGEM

‘Denunciei o racismo e fui exonerada’: jornalista recebeu e-mail que diz que ‘lugar de negra é limpando o chão’



Etiene Martins

EM OUTUBRO DE 2017, fui nomeada gerente de Prevenção à Violência e Criminalidade Juvenil pela prefeitura de Belo Horizonte. Dentre as minhas atribuições profissionais, a principal é coordenar o programa de prevenção à morte de jovens e adolescentes – faixa etária com mais vítimas de homicídio na capital mineira e em todo o Brasil. Há também outras características predominantes: a maioria é composta por homens, negros, pobres e moradores de favelas. Em Belo Horizonte, 78% dos adolescentes assassinados são negros. Ainda mais assustadores são os dados dos bairros do centro-sul, onde essa taxa vai a 94%.

Talvez você argumente que a população negra é maior e, por isso, morrem mais negros. Mas não é bem assim. Nessa região belo-horizontina, apenas 32,5% dos jovens são pretos, pardos e indígenas; os outros 67,5% são brancos ou amarelos. Para reafirmar o mito da democracia racial e querer responsabilizar a pobreza, você também pode achar que se trata de um problema meramente econômico. Porém, neste caso, o branco também mora na favela e não é vítima de homicídio na mesma proporção que o negro. São duas realidades bem distintas em uma mesma cidade – ainda que BH esteja longe de ser a única cidade a apresentar esse contraste. É como se o jovem branco vivesse com o nível de segurança esperado para um país em desenvolvimento, e o jovem negro, em um campo de guerra.

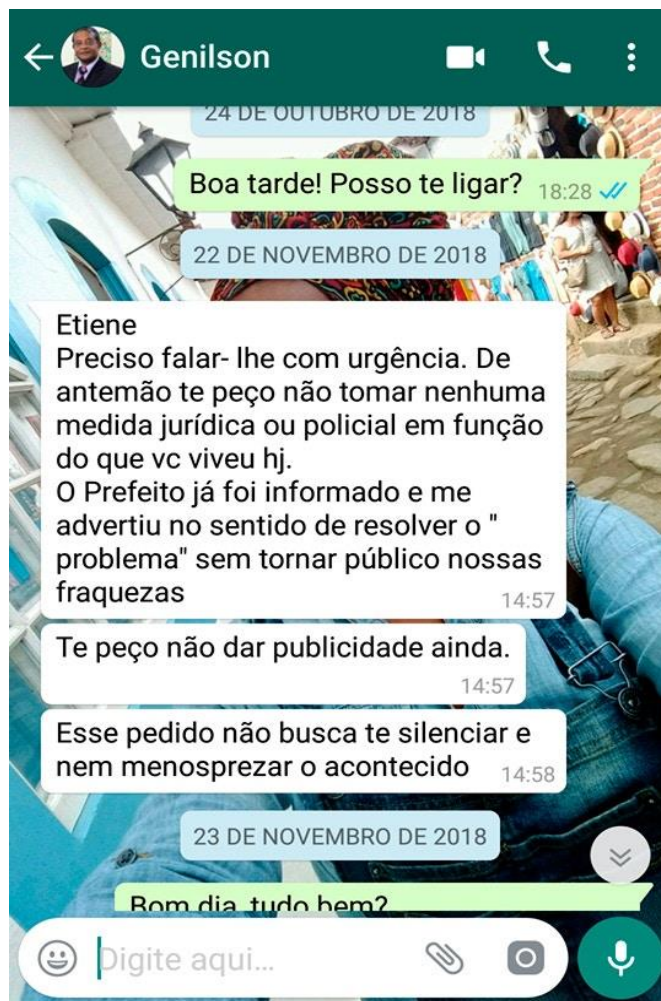
Eu sou mulher negra, filha da periferia, que conseguiu terminar o ensino médio e ingressar na faculdade. Mesmo sendo pobre, tive pais presentes que me deram estrutura e acompanharam meu crescimento. Nem todos nascem com a mesma sorte. Estudei comunicação e concluí minha pós-graduação enterrando primos e amigos de infância – um deles assassinado com oito tiros no rosto. Para mim, esse cargo na prefeitura não era apenas uma fonte de renda. Era uma missão. Uma missão que aceitei sabendo das dificuldades, até porque minha participação no movimento negro me ensinou que lutar contra o genocídio da população negra não seria fácil. Quantas pessoas que foram assassinadas você conhece?

MESMO SEM CONTATOS prévios na SMSP, fui nomeada gerente, um cargo de confiança dentro da Diretoria de Prevenção Social à Criminalidade. Como única pessoa negra no setor, relevei “pequenas” falas racistas de colegas de setor – até porque, se a gente fizesse um B.O. toda vez que sofre racismo, passaríamos metade dos nossos dias na delegacia. Mas é difícil saber o que devemos deixar pra lá e o que é preciso levar adiante. Como ter esse discernimento se qualquer reação à violência racial é pejorativamente classificada como mimimi? Como evitar que o racismo estrutural boicote a implementação de políticas públicas e projetos sociais voltados para jovens com um histórico de negação de direitos?

Mas, em junho, oficializei mais uma queixa de racismo institucional na SMSP. Mais uma, porque, em novembro de 2018, já havia oficializado outra na corregedoria contra um guarda municipal chamado Luzardo. O sujeito me disse a seguinte frase: “Preto bom é preto morto”. Depois de seis meses, a corregedoria concluiu que os dizeres do guarda não configuravam dolo, quando há a intenção de cometer um crime, apenas fala inapropriada no local de trabalho. Me senti injustiçada, claro. E, no dia seguinte, fiz um B.O. na Polícia Civil, levando o inquérito instaurado na corregedoria. Nos depoimentos, o guarda admite ser o autor da frase, embora alegue que tivesse feito “só” uma brincadeira.

Antes de pensar em ir à delegacia, o secretário de Segurança Pública de BH, Genilson Zeferino, que é negro, tinha me pedido para não tomar qualquer providência – como você pode conferir no print do WhatsApp. E, quando comuniquei que faria B.O., ele me “alertou” que o ambiente de trabalho ficaria “insustentável” caso levasse essa ideia adiante. Ele tinha toda a razão, a situação ficaria insustentável, mas até quando vamos nos calar? Registrei um B.O.

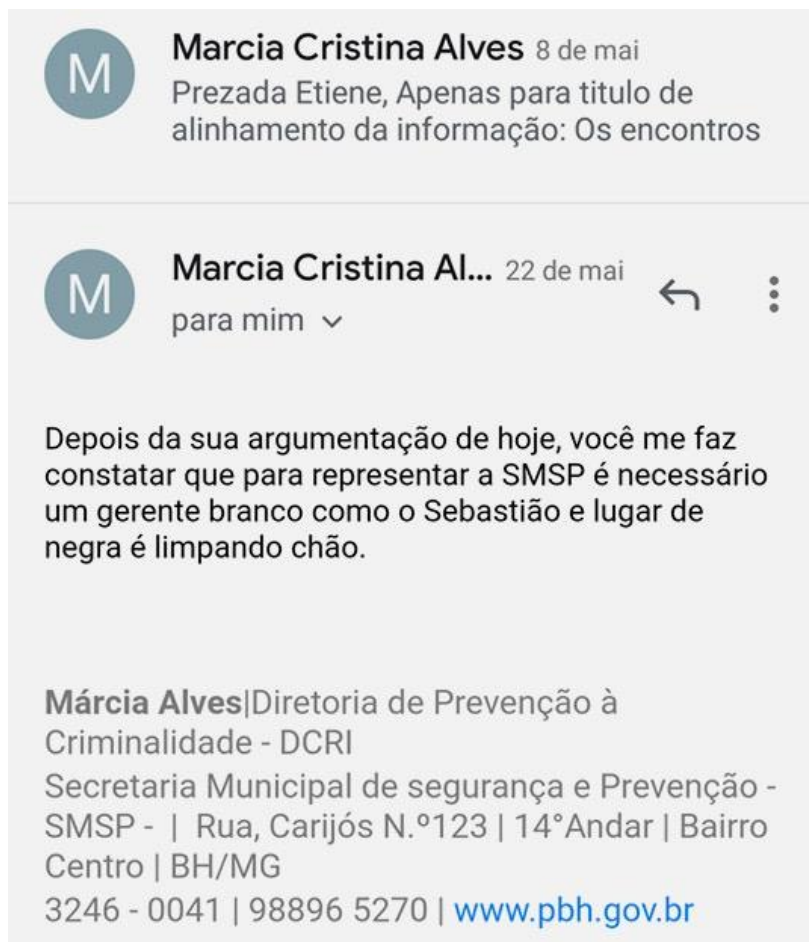
Em Belo Horizonte, assim como nas outras metrópoles brasileiras, as estruturas políticas são tradicionalmente comandadas por uma hegemonia branca. As pessoas negras que desejam fazer parte dessa elite não podem questionar o sistema, apenas se curvar diante dele. E não faltam negras e negros dispostos a fingir que o racismo não existe no mercado de trabalho. Enquanto isso, eles trabalham para tentar atingir o mesmo reconhecimento dos companheiros não negros, indo atrás de recompensas materiais que acalmem seu desajuste nesses círculos sociais. A lógica da supremacia branca é perpetuada dessa forma. Ela seduz negros com a promessa de sucesso, mas só se estiverem dispostos a recusar o valor da negritude e dos seus.



Print do WhatsApp enviado pelo secretário à Etiene.

Zeferino também contou que ele estava prestes a sair do cargo e, como Luzardo estava trabalhando como motorista do secretário adjunto, Rodrigo Teixeira, que assumiria em seu lugar, as chances de eu ser exonerada eram altas. Só que o ambiente já estava insustentável para mim. Era uma tortura dividir o mesmo elevador e ambiente com esse guarda que, vale lembrar, trabalha armado. Sinceramente, eu morria de medo.

Um dia depois do meu boletim de ocorrência, minha chefe imediata, Márcia Cristina Alves, diretora de Prevenção Social ao Crime e à Violência, me mandou este e-mail:



Print do e-mail, enviado do endereço funcional da então chefe de Etiene, Márcia Cristina Alves.

Foi um ano e sete meses de racismo velado, mensagens subliminares (além de outras mais diretas) e uma sensação de impotência. Por não ter sido responsabilizado na corregedoria, o guarda ganhou salvo-conduto para continuar agindo da mesma forma. Eu, já cansada de tudo isso, foquei no trabalho e fiz vistas grossas. Mas chega uma hora que a gente não dá conta, e decidi entregar meu pedido de exoneração em 3 de julho. Junto dele, coloquei o e-mail enviado pela minha chefe – ao qual não respondi.

O secretário Zeferino garantiu que iria apurar, chamou um técnico da Empresa de Informática e Informação do Município de Belo Horizonte, a Prodabel, para verificar a veracidade do e-mail, que constatou que, sim, era verdadeiro e, sim, tinha sido enviado do computador dela. Zeferino me mudou de setor e disse para ficar tranquila, porque o processo estava na corregedoria e, dessa vez, teria responsabilização. Em reunião, decidimos que eu continuaria no cargo – e assim eu o fiz. Registramos por e-mail a minha continuidade na prefeitura.



E-mail em que Etiene formaliza a suspensão do seu pedido de exoneração.

No dia 28 de julho, fez um mês desde que oficializei essa segunda queixa. Três dias depois, fui até a corregedoria para obter informações sobre as datas e o andamento do processo. Procurei pelo relator responsável, o senhor Fabiano Machado Borges. Ele me atendeu no corredor da recepção diante de outros servidores e se recusou a me passar informações, apenas alegando que eu seria chamada para depor. Insisti, expliquei meu caso, e nada.

À noite, cheguei em casa cansada de toda essa situação e decidi torná-la pública no Facebook, onde familiares, amigos, colegas e até desconhecidos se solidarizaram comigo. Registrei o B.O. do racismo da minha chefe via e-mail. O caso chocou milhares de pessoas, mas o prefeito e o secretário – os únicos com poder para intervir – nada fizeram.

Continuei indo trabalhar, mas me alocaram em um espaço isolado do restante da equipe da SMSP em uma sala sem banheiro e ar-condicionado diferente dos outros gerentes.

Meus superiores hierárquicos me deixavam durante todo o expediente ociosa e me impediam de exercer as atribuições do meu cargo. Dentre os meus colegas da mesma hierarquia, recebi apoio. Mas o secretário Zeferino não falou mais comigo.

Nesse meio tempo, fui ouvida pela corregedoria. E, ontem, dois meses e meio depois de eu denunciar publicamente o racismo que sofri, fui exonerada do cargo. Antes mesmo da corregedoria concluir a apuração, o prefeito Alexandre Kalil, sem nem sequer me ouvir, assinou minha exoneração.

 **PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE**

BELO HORIZONTE

Diário Oficial do Município - DOM

Quarta-feira, 18 de Setembro de 2019 Ano XXV - Edição N.: 5858

Poder Executivo
AA-Gabinete do Prefeito
ATOS DO PREFEITO

Exonera Etiene Pereira Martins, BM-115.574-X, do cargo em comissão DAM 5, código nº SMSP.DAM5.A.002, da chefia da Gerência de Prevenção à Violência e Criminalidade Juvenil, na Secretaria Municipal de Segurança e Prevenção, nos termos do inciso I, art. 62 da Lei nº 7.169/96, a partir de 19/09/2019. (ATO Nº GP 1136/2019)

Exonera Lídia Almeida Rocha, do cargo em comissão DAM 4, código nº CULT.DAM4.A.006, na Fundação Municipal de Cultura, em conformidade com o Decreto nº 16.200/16, a partir da data de publicação. (ATO Nº GP 1137/2019)

Exonera de cargo em comissão, na Secretaria Municipal de Assuntos Institucionais e Comunicação Social, nos termos do inciso I, art. 62 da Lei nº 7.169/96, a partir da data de publicação: (ATO Nº GP 1138/2019)

-Adriane Alves da Silva Santos, BM-94.504-1, DAM 2, código nº PREF.DAM2.A.014;
-Rafael Cortezão de Mello, BM-96.154-3, DAM 4, código nº PREF.DAM4.A.015.

Dispensa do Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município de Belo Horizonte – CDPCM, em conformidade com o Decreto nº 14.639/11, a partir da data de publicação: (ATO Nº GP 1139/2019)

Representantes da administração pública municipal
-Izabel Dias de Oliveira Melo, titular, e José Júlio Rodrigues Vieira, suplente.

Designa para compor o Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município de Belo Horizonte – CDPCM, em conformidade com o Decreto nº 14.639/11, a partir da data de publicação: (ATO Nº GP 1140/2019)

Representantes da administração pública municipal
-José Júlio Rodrigues Vieira, titular, e Rosiele Fraga Nogueira da Matta, suplente.

Dispensa do Conselho Municipal de Política Cultural – COMUC, em conformidade com o Decreto nº 14.639/11, a partir de 14/08/2019: (ATO Nº GP 1141/2019)

Representantes setoriais da sociedade civil
-Marcos Antônio Venuto, titular, e Cláudia Maria Osório dos Reis Cleto, suplente, ambos pelo segmento de Artes Visuais e Design.
Designa para compor o Conselho Municipal de Política Cultural – COMUC, em conformidade com o Decreto nº 14.639/11: (ATO Nº GP 1142/2019)

Representantes setoriais da sociedade civil
-Cláudia Maria Osório dos Reis Cleto, titular, e Eduardo Lucas Cardoso Braga, suplente, ambos pelo segmento de Artes Visuais e Design, a partir de 14/08/2019.

Representantes do poder público pela Secretaria Municipal de Cultura/Fundação Municipal de Cultura
-Caroline Craveiro, Mário Emmanuel de Oliveira Moraes e Ana Paula de Souza Portugal, suplentes, a partir de 03/09/2019.

Dispensa do Conselho Municipal do Meio Ambiente – COMAM, em conformidade com o Decreto nº 14.639/11, a partir da data de publicação: (ATO Nº GP 1143/2019)

Representante da sociedade civil organizada por entidades criadas com finalidade de promover o desenvolvimento econômico no âmbito do Município de Belo Horizonte
-Roberto Matozinhos, suplente, pelo Sindicato da Indústria da Construção Civil no Estado de Minas Gerais – Sinduscon-MG.

Designa para compor o Conselho Municipal do Meio Ambiente – COMAM, em conformidade com o Decreto nº 14.639/11, a partir da data de publicação: (ATO Nº GP 1144/2019)

Representante da sociedade civil organizada por entidades criadas com finalidade de promover o desenvolvimento econômico no âmbito do Município de Belo Horizonte
-Fernando Sérgio Fogli, suplente, pelo Sindicato da Indústria da Construção Civil no Estado de Minas Gerais – Sinduscon-MG.

Nomeia José Maximiano de Assis, para o cargo em comissão DAM 1, código nº FPMZ.DAM1.A.007, na Fundação de Parques Municipais e Zoológica, nos termos da Lei nº 11.065/17 e em conformidade com o Decreto nº 16.200/16, a partir da data de publicação. (ATO Nº GP 1145/2019)

Nomeia Sueli Barbosa, para o cargo em comissão DAM 4, código nº CULT.DAM4.A.006, na Fundação Municipal de Cultura, nos termos da Lei nº 11.065/17 e em conformidade com o Decreto nº 16.200/16, a partir da data de publicação. (ATO Nº GP 1146/2019)

Nomeia para cargo em comissão, na Secretaria Municipal de Assuntos Institucionais e Comunicação Social, nos termos das Leis nºs 7.169/96 e 11.065/17, a partir da data de publicação: (ATO Nº GP 1147/2019)

-Adriane Alves da Silva Santos, BM-94.504-1, DAM 2, código nº SMAI.DAM2.A.001;
-Rafael Cortezão de Mello, BM-96.154-3, DAM 4, código nº SMAI.DAM4.A.003.

Diário Oficial do Município de Belo Horizonte de 18 de setembro, onde consta a exoneração de Etiene. A SMSP informou que exonerou a servidora a seu pedido. Porém, no DO consta que Etiene foi exonerada, conforme se constata na forma de redação. “Exonera (...)” e não “Exonera a pedido (...)”.

Diante da tamanha violência que é o racismo, sinto que esse assunto ainda é um tabu mesmo dentro de um setor público porque o desfecho da história é cruel. O guarda municipal admite que disse que “preto bom é preto morto”, e a instituição trata como fala não apropriada no local de trabalho. A minha chefe me manda um e-mail dizendo que, por eu ser negra, tenho que limpar chão. No final, a profissional exonerada sou eu.

Logo eu que aceitei o convite para integrar a equipe de prevenção acreditando que poderia fazer alguma diferença na vida dos adolescentes e jovens da cidade. Logo eu que vibrei quando aprovei um projeto e o orçamento para a construção de oito bibliotecas especializadas em juventude negra destinada aos meninos inseridos no sistema socioeducativo. Logo eu que batalhei e consegui aprovar um projeto de imersão cultural que levaria os adolescentes para conhecer outras capitais do Brasil, ampliando o horizonte de uma juventude tão privada de acessos. Os projetos estão aprovados e com orçamento – espero que alguém dê continuidade. Afinal, vidas negras importam para quem?

O **Intercept** entrou em contato com a assessoria de imprensa da SMSP, que enviou o seguinte e-mail:

Sobre o caso em questão, esclarecemos que Etienne era servidora comissionada, em cargo de recrutamento amplo nomeada pelo prefeito Alexandre Kalil em 15/09/2017 e pediu, por iniciativa própria, exoneração do cargo no dia 03/07/2019, como comprova o e-mail anexo. Em consideração à grave denúncia, aguardamos o andamento da apuração para acatar o pedido.

A apuração resultou em sanção imposta pela corregedoria ao guarda municipal citado, servidor efetivo sujeito a regras específicas de sua carreira.

A outra denúncia, que diz respeito a um e-mail, está sendo apurada pela delegacia de crimes cibernéticos da Polícia Civil.

Márcia Cristina Alves, diretora de Prevenção Social ao Crime e à Violência, publicou no seu Facebook o seguinte texto, em que declara não ter enviado a mensagem:

Venho publicamente me manifestar a respeito das publicações feitas com meu nome e colocando a minha pessoa em dúvida em relação a uma acusação e racismo.

Tenho a esclarecer:

1- Afirmo veementemente que o referido e-mail não foi escrito por minha pessoa e inclusive já registrei ocorrência policial sobre isso há mais de um mês.

2- O referido e-mail a que se refere a denúncia é do dia 22 de maio de 2019 e chegou ao meu conhecimento no dia 28 de junho, mais de um mês após ao seu envio. Durante todo esse período jamais fui notificada da existência dele ou qualquer outra pessoa tomou conhecimento deste e-mail.

3- Imediatamente ao conhecimento deste e-mail procurei as autoridades municipais para solicitar que fosse apurada a origem do mesmo e assim como afirmei veemente jamais ter escrito este e-mail.

4- Registrei Boletim de ocorrência na delegacia de crimes virtuais, com provas contundentes de que no dia e horário do envio do e-mail estava em uma agencia bancária, a 03 quilômetros de distância do meu local de trabalho, realizando uma transação presencial com uso inclusive de minhas digitais e filmagens de minha presença no banco, além dos comprovantes com os horários de todas as transações, na presença do gerente do banco, ficando neste local por um período de 01 hora das 12h20min às 13h15min.

5- Destaco que pelo padrão do e-mail assim como pelo histórico de Google o referido e-mail foi acessado às 12h30min de um computador, não de um celular. De todo modo dentro da agência não é possível usar o celular e como disse anteriormente, as imagens e comprovantes do Banco atestam que eu não estava no computador nesse horário.

6- Apesar de todas estas provas materiais, tenho uma prova muito importante, de minha índole e ética, de 27 anos de trabalho como servidora pública na defesa e promoção de direitos de crianças, adolescentes e jovens, comprovada pelas inúmeras ações, projetos, funções e inclusive publicações a respeito do Genocídio de Jovens Negros na cidade de Belo Horizonte. Quando assumi cargos na politica pública coordenando Programas e Projetos sempre defendi publicamente os direitos à vida, à liberdade e à justiça. Durante toda a minha trajetória profissional compartilhei experiências com as comunidades mais vulneráveis, com as pessoas mais fragilizadas e dediquei toda a minha profissional a estas pessoas.

7- É necessário que essa fraude seja investigada e quem a cometeu seja responsabilizado.

8- esse momento crítico em que vemos as redes sociais sendo utilizadas para destruir pessoas, desqualificar projetos de interesse daqueles que mais precisam, atacar pessoas sem nenhum critério de razoabilidade, (pode-se ver pelo conteúdo do e-mail publicado com meu nome que nenhuma pessoa escreveria algo desta natureza sabendo de todas as suas consequências) me vejo obrigada a restabelecer essa conta no Facebook para me defender de um ataque que considero grave e **NECESSÁRIO A MINHA MANIFESTAÇÃO EM DEFESA DO**

DIREITO DE RESPOSTA, DO MEU COMPROMISSO PÚBLICO E DA MINHA LUTA DE ANOS PELA IGUALDADE NESSA CIDADE E NESTE PAÍS.”

ANEXO 2 – COMENTÁRIOS

Izaias

29 de Setembro de 2019, 18h05

Bom saber que pessoas amáveis e bondosas aos excluídos como esta Diretora Márcia deixe um E-mail aberto numa seção de trabalho e não se dê conta de que tal situação tenha ocorrido. Ainda bem que ela não sofreu um revés financeiro ou o pior...este pseudo invasor não tenha mandado o digníssimo Senhor Prefeito @ mér.. ou a coisas piores. Afinal só ficou sabendo quando a casa já havia caído.

David Augustus

25 de Setembro de 2019, 16h10

Essa análise com estatística baseada em cor de pele é totalmente “anti científica” como o racismo no Brasil, que pode até existir.. Mas nao nesse caso . Ataques assim sao comuns, e saber lidar é fundamental. Quem pratica sabe o que está fazendo, e tem objetivo. Não deve funcionar tentar rastrear diretamente pela rede, pois a tendencia é que, por ter premeditado, tenha tomado os cuidados para se camuflar. Alem disso, costuma ser uma ação coordenada, e isso pode se repetir, ou seja, cada vez farão uma vitima. Pra pegar tem que cruzar os dados de uma mensagem com dados de outras mensagens, emails, seja la o que for. Há grupos que agem sustentados por uma verdadeira galaxia multicolorida de objetivos e intencoes, que vao de status e alcance a interesses financeiros, geralmente pessoais. Entretanto nem sempre o autor será o executor, uma vez que há até oferta deste tipo de ataque como serviço na deep web . Que dá pra pegar, dá. E concordo que isso ha de ser feito. Mas tambem ninguem vai morrer por conta de um email não. Por outro lado, a reação foi esperada e comemorada. Obtiveram êxito. Diferentemente o racista que não tem como objetivo praticar o racismo, mas o pratica porque racista é, tornando diferente no caso, quando não atacam a uma raça, mas sim atacam diretamente a uma pessoa. Para entender melhor, um negro, poderia praticar este ataque racista, e obter exito em ferir a sua pessoa, causando este triste desfecho. Entao, se realmente fosse algo contra uma cor de pele, ou “raça” se tratando de um ataque contra a propria “raça” atacante. Assim, fica claro a existência de um objetivo .

Luciana David Augustus

28 de Setembro de 2019, 13h29

Pano passado com sucesso. A questão do racismo não vai avançar enquanto nós brancos pararmos com as relativizações sobre o assédio moral amplamente amparado no racismo que esta moça sofreu. O fato dela, em uma posição de poder, mesmo assim sofrer um ataque racista de uma pessoa em uma posição pública abaixo dela (porém com costas quentes) já demonstra que casos de racismo disfarçados de brincadeiras poderiam ser corriqueiros dentro do órgão público com reles mortais: outros servidores públicos, estagiários, pessoas da limpeza, copa; terceirizados. Gente que prefere se calar pq sabe que não vai dar em nada. E se não deu no caso da gerente

mesmo com um Secretário negro, provavelmente se sentirão livre para fazer isso. Só um adendo: negros não são racistas. Podem reproduzir racismo, mas não ganham nada, nem como indivíduos sendo racistas. No mais, é incrível como leitores brancos, progressistas do The Intercept podem ser tão complacentes com casos palpáveis de racismo. Depois reclamam do racha dos movimentos negros com a esquerda.

Marcos Antônio

22 de Setembro de 2019, 21h30

A jornada para entender o racismo estrutural ainda exige que as pessoas negras priorizem os sentimentos brancos. Mesmo que eles consigam te ouvir, eles não estão realmente te escutando. É como se alguma coisa acontecesse com as palavras assim que elas saem de nossas bocas e chegam aos ouvidos. As palavras atingem uma barreira de negação e não passam desse ponto. Dá para perceber que é isso que aconteceu na denúncia que a Etiene fez a corregedoria e aos outros departamentos. Essa é uma desconexão emocional. Não é muito surpreendente, porque eles nunca entenderam o que significa acolher uma pessoa negra como um igual, com pensamentos e sentimentos que sejam tão válidos quanto os seus. Dá para notar por alguns comentários que para fazer um trabalho social aos negros e atendê-los como público “necessitado” a diretora em questão não teve problema e é até reconhecida enquanto tal, mas na hora que a pessoa negra deixa a subalternidade e está com ela “quase” de igual para igual ela não consegue lidar com a situação. Algumas pessoas até admitem que o racismo existe, mas o racista jamais. São constantes as negações, estranhas piruetas e acrobacias mentais que eles demonstram quando esse assunto é posto em pauta. Quem realmente gostaria de ser alertado sobre um sistema estrutural que os beneficiam às custas dos outros? A Etiene é esse alerta.

Bernadete Carvalho

22 de Setembro de 2019, 20h43

O discurso da Etiene sensibiliza. Acontece que ela ataca uma pessoa que não merece isso, por toda uma vida dedicada às causas sociais, trabalhando inclusive em políticas contra o racismo. A Márcia Alves tem provas de que não escreveu o e-mail reportado. Isso não vale nada? Então e prá acreditar no que se quer acreditar? Isso está em moda no Brasil de hoje e está nos levando para o pior.

Miguel Araujo de Matos Bernadete Carvalho

24 de Setembro de 2019, 18h57

Aposto que vc não é negra. Acertei?

Simone Bernadete Carvalho

26 de Setembro de 2019, 12h12

Que injustiça! Logo a Márcia que fez tanto pelos jovens negros!?! A Etiene deveria se por em seu lugar, ou seja, ser agradecida , ouvir e se calar, não é Bernadete? Que vergonha!

Otávia

22 de Setembro de 2019, 14h53

É muito triste e ao mesmo tempo revigorante ler o seu relato Etiene. Enquanto mulher branca e de esquerda eu te digo, no nosso meio ainda há muitas pessoas se achando livres de preconceitos, mas não o são. Vira e mexe vemos um deslize. Deslizes que custam a saúde mental, ascensão profissional e até o emprego de homens e mulheres negras qualificados e competentes. Não é que sejam pessoas ruins, mas carregam consigo a síndrome de princesa Isabel por não saberem lidar com a autonomia de quem historicamente foi obrigado a se curvar diante deles. Você tolerou o quanto pôde, fez um belo trabalho e estou certa que diante de tamanha repercussão diversos gestores vão repensar suas posturas, já que diversos servidores vão cobrar seus direitos. Sinto muito pelo que você passou, mas só posso admirar o tamanho da sua coragem já que não é para qualquer um denunciar um agente de segurança e uma diretora de segurança pública. Parabéns!

Ana Paula Otávia

22 de Setembro de 2019, 17h46

Cara Diana, você acha revigorante uma pessoa de anos de luta a favor dos direitos de crianças e adolescentes pobres, sobretudo negras e moradoras de favela, ser acusada de um crime que não cometeu? Há imagens de Márcia dentro de uma agência bancária, com o gerente do banco, sem celular, no exato momento em que o e-mail foi enviado.

Ana Paula Ana Paula

22 de Setembro de 2019, 17h47

Perdão, a resposta é dirigida a Otávia.

Otávia Ana Paula

22 de Setembro de 2019, 18h38

Ana Paula
Você leu o relato da Etiene? Viu o que o guarda fez com ela? Você viu a mensagem de WhatsApp que o secretário de segurança mandou pra ela? Você leu o e-mail que ela recebeu? É muito bonita a sua manifestação de amizade, mas a Etiene tem provas e apresentou pra quem quiser ver. Não estou aqui para julgar sua amiga e sim para dar apoio a uma vítima do crime mais perfeito que existe. Li a resposta da secretaria e da Márcia no final do texto,

independente de ser ela ou não que enviou o e-mail a única certeza que tenho que a vítima de racismo foi a Etiene. Acho corajosa a atitude dela de não se calar e torço que a verdade prevaleça seja ela qual for.

Diana

22 de Setembro de 2019, 13h52

Prezados Editores,
Com muita tristeza vejo uma publicação dessa matéria nesse veículo de grande importância e resistência nesses tempos sombrios que atravessa o Brasil e ameaça nossa tão valiosa Democracia.

Conheço Marcia Alves, e ela não é racista, e sim vítima de um crime cibernético, que já está sendo apurado. Márcia Alves é uma guerreira das Políticas Sociais de BH há mais de 20 anos de luta contra a desigualdade social fazendo valer os Direitos Humanos. Cruzei com Márcia Alves nos Conselho Municipal dos Direitos das crianças e adolescentes, onde desenvolveu um trabalho maravilhoso fazendo valer o ECA e fomentando o Fundo Municipal para ações importantíssimas em instituições e ONGs voltadas na defesa de nossas crianças e adolescentes, e muito mais, é só investigar e pesquisar que vocês saberão. Agora vejo sua vida ser destruída virtualmente por uma pessoa que usa de sua raça para se promover politicamente, e ser apoiada por este veículo, é muito frustrante. Cadê o jornalismo investigativo do Théo Intercept que tanto precisamos?

Carlos Alberto

22 de Setembro de 2019, 10h05

Parabéns pela luta Etiene. Nós negros e negras temos que ter a noção que esse país na representação e prática do poder nos odeia. O tal guardinha e a tal chefe da Etiene representam bem os poderosos em suas falas. Usem a “magia” de nossos ancestrais. Construam círculos e sociedades negras fortalecidas. Um estado Negro paralelo é necessário para garantirmos dignidade para nossas futuras gerações

Ana Paula

22 de Setembro de 2019, 0h04

Sabemos que a Márcia jamais faria um comentário racista! Estamos falando de uma mulher com uma trajetória incrível e que não é, e nunca foi, racista. As provas que ela apresenta são contundentes e certamente tudo será esclarecido após o inquérito. Trata-se de um crime cibernético. A responsabilidade da imprensa é enorme nesses casos, ao dar grande visibilidade a casos não apurados e ao promover um clima de julgamento moral contra pessoas guiadas por valores de igualdade, justiça e direitos humanos. Desejo que o Intercept cubra o fato até seu desfecho, dando o mesmo destaque para a injustiça cometida contra Márcia.

Manoel

21 de Setembro de 2019, 15h23

Faltou habilidade, jogo de cintura e percepção. Deveria conhecer melhor o terreno para depois agir, afinal os direitos e garantias do povo negro estão apenas no papel e foi escrito e determinado pela sociedade branca. Deveria se conectar com os ancestrais para entender e valorizar a sua existência de vida hoje e assim por em prática o legado deixado por eles: Como lidar com esta situação e saber quando se deve ir para o enfrentamento. Deveria inicialmente construir e fortalecer seu nome, para posteriormente partir para o enfrentamento! Foi no momento errado e agora esta na defensiva. Deveria utilizar o tempo a seu favor e caminhar se consolidando dentro dele, preparando-se para o momento do enfrentamento. Deveria ter ouvido o Secretário que lhe deixaram claras quais seriam as consequências. Ele não disse que era para ignorar os fatos e sim para trabalhar melhor a situação e no momento certo tomar as atitudes corretas. Não estou colocando que deveria aceitar e se calar e deixar esta dor invadir seu coração! Estou dizendo que deveria se fortalecer, pois são os fracos que atacam e agridem e os fortes se defendem e recuam e recuar é dar tempo para encontrar a solução. Enfrentou na hora errada, foi destrutada, humilhada, rebaixada e ganhou muitos inimigos. Já deu para notar que este enfrentamento certamente não dará em nada e o que lhe resta e restabelecer e reconectar-se com suas origens e reconstruir seu mundo, pois muita gente precisa de você e você precisa do tempo.

Renata Manoel

22 de Setembro de 2019, 0h15

Mansplaning.

Marcelo Renata

28 de Setembro de 2019, 7h51

Por isso a esquerda não vai para frente. Olha o nível da sua “argumentação” Renata.

Adriana

20 de Setembro de 2019, 23h22

Estamos contigo Etiene! Tudo vai ficar bem e se resolver! Não desista da sua carreira por pessoas com má índole! Deixa que a vida venha cobrar deles tudo o que eles fizeram contra ti! Fruta podre cai sozinha.

Andreza

20 de Setembro de 2019, 17h04

Queria dizer a Etiene que, estou torcendo para que a justiça seja feita e não desanime! Você é inteligente e maravilhosa!

Daniela

20 de Setembro de 2019, 16h50

Fico feliz em ver que cada vez mais as pessoas negras estão ganhando espaço, porque por tanto tempo foram privadas de oportunidades, finalmente estão crescendo. E sobre os comentários maldosos, apesar de, claro, ser necessário registrar B.O., digo à Etiene que siga em frente, pois você é maior do que tudo isso, e, principalmente, melhor do que essas pessoas pequenas.

Fernando Lopes

20 de Setembro de 2019, 16h17

Alexandre Kalil está fora do noticiário, espertamente tem se mantido quieto frente à torrente de asneiras ditas pelos integrantes do governo federal. Mas não podemos nos deixar enganar Kalil se elegeu com o mesmo falso discurso que Bolsonaro , “não – político” – uma mentira visto que fez sua carreira política como dirigente de um clube de futebol, um cargo político – e um modo de se expressar grosseiro e cheio de ofensas -talvez não tão idiotas e xulas como o Bozo mas seguindo o mesmo perfil apelativo. São bem conhecidos dos Belo Horizontinos os vários vídeos falsos produzidos antes e depois de eleito em que ele simulava entrevistas a jornalistas que nunca apareciam mas na verdade eram vídeos produzidos e encenados por sua própria equipe de comunicação. Também sou contratado da Prefeitura de Belo Horizonte e ontem tive meu aparelho celular roubado dentro do local de trabalho durante o expediente e enquanto exercia minha função. Também acionei a tal corregedoria da PBH mas pelos relatos de Etiene parece que não terei o devido ressarcimento pelo meu prejuízo através da corregedoria... Ou seja já estou procurando um advogado para mover uma ação contra esta prefeitura de bandidos e mentirosos. Fiquem alerta Kalil e sua corja são bandidos e devem ser tratados como tal!

Lucas

20 de Setembro de 2019, 14h21

Engraçado que foi escrito um imenso texto se defendendo do e-mail enviado, mas nenhuma palavra de solidariedade à Etiene. Que conto esdrúxulo. Sinto muito pelo ocorrido Etiene.

Ibsen Lucas

21 de Setembro de 2019, 7h19

Foi exatamente o que notei. Nenhuma palavra de solidariedade e mais, porque não se juntou a Etiene em busca do “verdadeiro” autor.

ELIAS ANGELO COSTA Ibsen

25 de Setembro de 2019, 13h27

Observação cirúrgica

Juscelino Honorato Borges

20 de Setembro de 2019, 11h56

Cadê você, Genilson Zeferino, que não responde?

Iris Carolina

20 de Setembro de 2019, 11h46

Falou em outro comentário e coleí o link mas não esta abrindo. Explico aqui a diferença do que acontece neste momento no Espírito Santo...No Espírito Santo, diferente de outros Estados brasileiros, as estruturas políticas estão mudando e um dos espaços tradicionalmente comandados por uma hegemonia branca tem agora uma mulher e negra como governadora. Hoje a vice-governadora do Espírito Santo, Jaqueline Moraes, toma posse como governadora em exercício por sete dias. Pela primeira vez em 130 anos, desde a proclamação da República, em 1989, o Estado terá uma mulher sentada na cadeira de governadora. A transmissão acontece hoje (20) as 13h. A relevância disso está em cinco palavras: minorias no poder. Minorias na concepção sociológica, e não a matemática, do termo. No Espírito Santo, há mais negros que branco. Há mais mulheres que homens. Segundo a Pnad/2017 do IBGE, o Estado tem 60,3% de habitantes que se declaram “negros” (soma de “pretos” e “pardos”). Mas, no espaço de poder – ou “locais de fala”, como sublinha Jaqueline -, há uma flagrante sub-representação desses estratos sociais. No Tribunal de Justiça do Estado, entre 28 desembargadores, há três mulheres. Na Assembleia Legislativa, entre 30 deputados, apenas três são mulheres. Onze deputados se declaram “pardos”, mas, autodeclarado “preto”, há somente um parlamentar: Marcos Mansur, do PSDB. Tomando por base a autodeclaração à Justiça Eleitoral dos 44 candidatos eleitos para os vários cargos em 2018, só mesmo Mansur e Jaqueline são “pretos”. No próprio governo Casagrande, dos 24 colaboradores com status de “secretário (a) de Estado”, não há nenhum visivelmente “preto”. Com base em livre conclusão visual, o colunista diria que, talvez, o de Segurança, Roberto de Sá, e o procurador-geral do Estado, Rodrigo de Paula, possam ser considerados “pardos”.

Anônimo

20 de Setembro de 2019, 11h10

Prefeitura corrupta e mentirosa! Tenho nojo de trabalhar neste lugar, isso é só a ponta do iceberg. Infelizmente com a atual situação da economia, tenho que engolir muito sapo pra não passar fome.

Mery

20 de Setembro de 2019, 10h14

Fiquei chocada com o que li. Força, Etiene! É conversa fiada dizer que o racismo é cultural, assim como o machismo, e que é difícil acabar. Racismo é crime e precisa acabar. E deve ser punido em qualquer instância.

Juliana Ayres Sampaio

20 de Setembro de 2019, 8h47

típica fala de um Homem branco e com privilégios.
 Racismo é crime! Que se faça cumprir a Lei.
 Ubuntu.

Josué

20 de Setembro de 2019, 7h29

Essa história me indigna e ao mesmo tempo me inspira a encarar os desafios diários que também enfrento sendo negro nesse nosso Brasil.

Paulo

20 de Setembro de 2019, 3h05

Queria acabar com a vida de um simples vigilante porque ficou ofendida por algo sem contexto, agiu na raiva sem pensar duas vezes pra ferrar a vida do cara por causa de traumas racistas. O crime do cara merece pena de morte, seus traumas são mais importantes. Parabéns@ Muito bonito!!! Aplausos!!!

Regina Justino Paulo

20 de Setembro de 2019, 3h08

Se vc não acha q a situação não é racismo escancarado, vc tem problema.

Carolina Paulo

20 de Setembro de 2019, 4h55

Deixemos que um simples vigilante, um gerente, um supervisor, uma chefe de equipe sejam todos racistas. Não façamos nada, sejamos subservientes e submissos... É isso o que a branquitude racista quer e é isso que não seremos! Ninguém pediu pena de morte, clamamos punição à altura pra um crime previsto em lei. Aplausos para Etiene!

Juliana Ayres Sampaio Paulo

20 de Setembro de 2019, 8h42

Fala típica de um homem branco cheio de privilégios. Nos deixem em Paz ,essas falas racistas ja passaram dos limites,Racistas não passaram.

Nicolas Paulo

20 de Setembro de 2019, 11h21

É sério?

JOSEMEIRE RODRIGUES DA COSTA FERREIRA Paulo

20 de Setembro de 2019, 11h43

Vc é quem está fora de contexto. Vive em qual país, Cinderela?

Danilo Paulo

20 de Setembro de 2019, 13h41

Parabéns Paulo, pessoas como você atestam a veracidade do ocorrido.

Alexandre Paulo

20 de Setembro de 2019, 15h17

Quem optou por “acabar com a vida de um simples vigilante” foi o próprio servidor que, de forma vil, praticou conduta que configura ilícito penal. Não queira vitimizar o agressor.

Eduardo Paulo

20 de Setembro de 2019, 15h20

Mais um racistinha nojento tentando impedir a evolução da humanidade ☹☹

Ibsen Paulo

21 de Setembro de 2019, 7h22

Ia dizer que você é um imbecil, mas é pouco. Racista idiota.

Jasobeam Paulo

21 de Setembro de 2019, 9h25

Paulo: seu comentário é digno de uma pessoa que foi defecado por sua progenitora e não parido. Meus parabens!

César Silva

20 de Setembro de 2019, 1h50

Aplaudo de pé a coragem e convicção da Etiene. Todavia, aplausos não pagam as contas nem garantem dignidade e qualidade de vida à ninguém.

Até se poderia dizer que o desenrolar abre a oportunidade para que ela encontre um local mais amistoso e ético para trabalhar mas, convenhamos, seria contraditório e absurdo abrandar uma situação de flagrante discriminação, preconceito e hostilidade.

Esse tipo de situação não deveria acontecer com absolutamente ninguém.

É realmente revoltante que não só muitos brasileiros recusem-se a admitir as violências passadas contra a população negra como disponham-se a perpetua-las sob novos pretextos e roupagens.

Sarah Cardoso Costa

19 de Setembro de 2019, 23h53

Uma situação absurda mas me sinto orgulhosa da coragem desta mulher.

Carlos Gideone

19 de Setembro de 2019, 22h33

Só lembrando que o prefeito de BH é coligado com o pdt de ciro gomes! Progressistas de hoje em dia são assim, vide o Justin Trudeau...

Grazi Rufo

19 de Setembro de 2019, 22h18

Me sinto violentada junto a você, a sensação de revolta é enorme! Não se deixe abater, o racismo vai continuar e a gente precisa continuar também, continuar na saúde, força guerreira! Estamos com Vc!

Antonio Pedro

19 de Setembro de 2019, 21h51

Etiene, vc não está só nessa luta. Ela é diária e não podemos desistir em respeito aos nossos ancestrais e aos que virão!! ?? Os racistas terão o seu momento de julgamento, não será agora, mas todo esse incômodo deles é porque estamos chegando e não seremos capitães do mato... seremos Dandaras e Zumbis... Axé!

Ana

19 de Setembro de 2019, 21h40

Sou amiga da Márcia!!! Jamais ela faria isto, porque inclusive, se fosse o caso,(o que não é de jeito nenhum!!!!) Seria muita burrice a dela mandar um e-mail deste !!! Márcia é inclusive Petista e não é racista!!! É um absurdo o que está jornalista está fazendo com ela!!!! Convido The intercept averiguar a verdade e verá!!!! Não sou eu o que vou dizer!!! Sigo The intercept, sou fã do Gleen!!!! Mas me decepcionei com esta reportagem!!!! Como vocês fazem uma reportagem destas e não ouvem a outra parte???

Diana

19 de Setembro de 2019, 21h03

Prezados,

Sou admiradora do jornalismo transparente e resistente que vocês representam, porém me admira muito essa publicação unilateral sem ouvir a outra parte. Márcia Cristina Alves é uma militante das políticas sociais de Belo Horizonte e está sofrendo o maior golpe de sua vida com a calúnia dessa senhora Etiene, para mim uma aproveitadora de uma causa. Portanto acho justo vocês escutarem o que a Márcia tem para dizer.

Nilza

19 de Setembro de 2019, 21h00

Estou torcendo por você, isso precisa acabar.

Lucas de Oliveira

19 de Setembro de 2019, 20h25

Que o Luzardo e a Marcia sejam responsabilizados pelo que fizeram. Racismo é crime. Parabéns pelo trabalho e pela força, Etiene Martins.

Carlos Eugênio Mussi Carneiro Monteiro

19 de Setembro de 2019, 20h08

ESTA É A IGUALDADE APREGOADA AOS 4 VENTOS NO BRASIL.TENTEM GALGAR CARGOS DOS BRANCOS E VERÃO COMO REAGEM.ESTA É A ELITE BRANCA MOSTRANDO A CARA GRAÇAS AOS EXEMPLOS DADOS POR ESSE GOVERNO,QUE ACHA,QUE TEM O DIREITO DE DIZER AS MAIORES BARBARIDADES QUE NUNCA TERÁ CONSEQUÊNCIA.IMPEDIMENTO JÁÁÁÁ !

Andréia

19 de Setembro de 2019, 19h54

Tenho a certeza que Deus te escolheu como discípula e ele continuará a te usar para transformar vidas. Não desista de você e nem desses jovens.

Carlos Zeitoune

19 de Setembro de 2019, 19h09

Já passou da hora de expor e enfrentar estes senhores e capitães do mato! Força, Etienne!!

Eduardo Luis Boff

19 de Setembro de 2019, 18h58

Não desista, Etienne, espero que com a divulgação que o caso teve você seja reconhecida e consiga um trabalho melhor que dê o apoio que você precisa.

Cleiton Henriques

19 de Setembro de 2019, 18h54

“FOGO NOS RACISTAS! “

Gabriel Arruda

19 de Setembro de 2019, 18h27

Mas que cretinos racistas! Isso não pode ficar assim!

Conceição Gomes

19 de Setembro de 2019, 18h09

Sou jornalista, mulher e negra. Esse relato é desolador. Depois de tanta luta, ainda somos o alvo das armas do racismo e inquestionável insistência em nos extinguir. E não me refiro apenas ao Brasil, falo da história da humanidade, sempre perseguidos, violentados e dizimados por causa da cor de nossa pele, das características étnicas faciais e de nossos cabelos. Confesso estar muito cansada desta (me desculpem o palavirão, mas preciso desabafar) PORRA toda. Entretanto, Etienne tenha em mim mais um par de braços e pernas, um cérebro, uma boca e ouvidos à sua disposição. Juntos somos mais fortes!

Valmir

19 de Setembro de 2019, 18h05

Fato gravíssimo, estamos com você Etienne.
Força!

F.Djamall

19 de Setembro de 2019, 17h50

Me solidariso com a sua atitude, aplauso a atitude corajosa de expor tal fato. Sistema no Br., é cruel e perverso, o denunciante não é bem visto e dito como “fraco”, o que és justamente o contrário.

Boa sorte e tudo de bom pra ti

Renata

19 de Setembro de 2019, 17h26

Historicamente falando, o fim da escravidão foi outro dia e a maioria de nós brancos não aceita a dívida que este país tem com sua população negra, mesmo sendo todos nós oriundos da mesma Mãe África. Há apartheid para todo lado. Lembro do susto que levei quando um trabalho que estava realizando aguçou minha curiosidade e fui parar, em 1988 nas reuniões pré constituintes para a questão dos negros. Aqueles homens e mulheres bem preparados, de classe média, advogados e advogadas, professores e professoras negros e negras, eram invisíveis no meu cotidiano. Fui a mais de uma reunião, havia dias que era a única branca. Em função do trabalho, descobri que o chique cabeleireiro da rua Mário Ferraz, no nobre Itaim Bibi, recebia as mulheres negras de classe média e média alta depois do expediente, à noite. Descobri as trançadeiras e os cabeleireiros afro do centro da cidade que eram também locais de movimentos negros. E também entrei em contato com as editoras de fundo de quintal que publicavam a produção intelectual dos negros e negras de São Paulo. Há muito chão ainda, muita luta pela frente. O importante agora é Etiene conseguir (não sei se já conseguiu) um trabalho à altura dela, onde encontre um ambiente digno e respeitoso.

Maria Alvarez Renata

20 de Setembro de 2019, 7h53

Você disse o que eu penso. O Brasil ainda não fez o trabalho coletivo sobre a escravidão. Está na sombra coletiva e atuando sombriamente. É preciso trazer esse crime à consciência – difícil, mas necessário.

Dan Moche

19 de Setembro de 2019, 17h18

Nao dobraste a espinha, Etiene! Encontraras outras terras para semear cuidado. Lamentável a postura da administração publica.

Fábio

19 de Setembro de 2019, 16h48

Você esta certa.100%!

Cristina

19 de Setembro de 2019, 16h24

Que pena que chegaste a escrever teu pedido de demissão, assim eles se aproveitaram e te exoneraram, fingindo ser realmente sua vontade. Espero que a justiça seja feita. Nós negros vivemos todos os dias com este racismo velado e muitas vezes escancarados. E infelizmente nada acontece com as pessoas racistas. “Foi só uma brincadeirinha!” Nos polpem! Abraços!

Nadir Nóbrega Oliveira

19 de Setembro de 2019, 16h23

Eliene. Infelizmente eu fui demitida Universidade Católica de Salvador e da Prefeitura de Camaçari por ser negra. Esse é o nosso país. Vamos continuar resistindo e existindo.

Maria Helena

19 de Setembro de 2019, 15h38

Uma vez que racismo é crime, como esses servidores não foram enquadrados na lei? Não é desculpável. Minha solidariedade à Etiene. Precisamos muito de pessoas como você que conhece o que é ser negra no Brasil e q está disposta a criar programas para dar oportunidades aos jovens negros.

José Medeiros

19 de Setembro de 2019, 15h35

Lamentável, estamos no Século XXI e tem pessoas que pensam como se estivesse no século XIX “período da escravidão” que é maior vergonha para nosso país.

Leandro

19 de Setembro de 2019, 14h51

Força Etiene ,não baixe a cabeça nen deixe seu caso virar impunidade, esses criminosos tem que sofrer as consequências por seus atos preconceituosos , racismo institucionalizado ,triste saber que em pleno o século XXI ,isso ainda esta acontecendo impunemente no Brasil !

Elze

19 de Setembro de 2019, 14h03

Nós, negras que precisamos conviver com o racismo velado, ou não, precisamos ter atitudes como a de Etiene. Tolerar e sublimar nunca contribui para o combate ao racismo. A hipocrisia nunca ajudou este país que durante mais de 300 anos enriqueceu sua economia à custa da escravidão negra. Parabéns Etiene! Você teve postura e coragem.

Cristiana

19 de Setembro de 2019, 14h01

Infelizmente o racismo nunca deixou de existir, mas nos tempos do Lula e Dilma, tivemos um início de melhoria, através das justas cotas e da lei antiracismo que era mais respeitada naquela época. Estamos vivendo não somente um retrocesso mas um tempo de ódio mais declarado, do fim das máscaras. Quando mesmo em uma eleição com poucos votos e fake news um eleito presidente é um racista declarado muita gente ta saindo do armario. Muita força pra Etiene, que se faça justiça!

Pablo Lima

19 de Setembro de 2019, 13h47

Absurdo! Toda solidariedade à Etiene. Isso mostra que o Kalil é o Bozo das Alterosas, sim! Espero que a esquerda que está em seu governo se manifeste deixando os cargos e o oportunismo. E cadeia para os e as racistas!!

Wilmo Fideles

19 de Setembro de 2019, 13h35

muito triste com o acontecido,estou na torcida pra que tudo se resolva dentro da lei e que a justiça seja feita,amanhã vai ser novo,o dia

Glaucio Eduardo

19 de Setembro de 2019, 13h34

Deixo aqui os meus parabéns pelo seu ativismo e pela luta diária contra o racismo velado que nos NEGROS sofremos todos os dias. Que os seus atos inspire outros a denunciar.

Carioca

19 de Setembro de 2019, 13h27

Triste isso viu Etiene, faço minhas as palavras da Flávia , um absurdo !

Luiz Carioca

19 de Setembro de 2019, 17h18

KD o e- mail anexo que comprova que ela pediu exoneração do cargo?

alcides carpinteiro

19 de Setembro de 2019, 13h25

de saco cheio de ouvir dos autores de piadas e comentários racistas e misóginos que foi sem querer, sem intenção de ofender. Nunca vi nenhum deles fazendo elogio sem intenção.

GS

19 de Setembro de 2019, 13h04

Parabéns pela coragem em denunciar! Todos! Repito: TODOS, precisa agir desta mesma forma. QUE NÃO TOLEREMOS ATITUDES RACISTAS MAIS! CHEGA!

Flavia

19 de Setembro de 2019, 12h51

Boa tarde, Etiene e Intercept! Punição é o que queremos, tão somente isso. Todo meu apoio e aplauso à Itiene. Att. Flávia de Sá

roberto

19 de Setembro de 2019, 12h51

Como as vias ditas legais não funcionam mais, em breve teremos que partir para as vias de fato.

Guilherme Pereira dos Santos roberto

19 de Setembro de 2019, 15h01

Já estamos em guerra faz tempo! E perdendo!

Paulo roberto

19 de Setembro de 2019, 16h40

Concordo.

Franco roberto

19 de Setembro de 2019, 17h39

Demorou.

Jose

19 de Setembro de 2019, 12h42

A sociedade brasileira é extremamente racista, embora alguns por ignorância ou intencionalmente negam esse fato. A luta contra o racismo depende de cada um de nós, somos todos africanos!

Jair Jose

19 de Setembro de 2019, 17h46

Que absurdo, sofrimento duplo, ver a impunidade reinar, que país é este meu Deus?

Belmiro Machado Filho Jose

20 de Setembro de 2019, 12h53

A Negação do racismo é infinitamente mais Cruel e Criminoso que o racismo propriamente dito. Um exemplo recente é o livro Não Somos Racistas, escrito pelo Ali Kamel que é o todo poderoso Diretor de Jornalismo da Rede Globo. Nossa total solidariedade a Etiene.

Gibran Malheiros

19 de Setembro de 2019, 12h01

Desordem e regresso.

Jerry Nascimento

19 de Setembro de 2019, 12h00

Infelizmente, a busca pela dignidade social é difícil, qualquer um pode falar o que deseja sem saber o que outrem sente a respeito do que diz. Esses governos não estão preocupados com educação.

Marcela Santana

19 de Setembro de 2019, 11h50

O racismo não está escondido, não é velado, ele está cada dia mais evidente, todos os dias eu posso senti-lo quando entro ou saio do meu carro, quando entro em qualquer prédio público vestida formalmente, quando entro nas lojas de departamento e sou seguida pelos olhares dos seguranças, quando mesmo em uma loja vazia a atendente finge não me notar. O racismo me impede de ter uma vaga de emprego decente e de ter um salário justo de acordo com minha

competência e atribuições. É ainda assim eu ouço de colegas e parentes que não, que as coisas estão mesmo difíceis e que nada tem a ver com a cor de minha pele. O Brasil não aboliu a escravidão, apenas a escondeu embaixo do tapete. Somos nós, negros quem morremos, somos presos, perseguidos, demitidos, feridos no corpo e na alma diariamente. E ainda somos acusados de mi-mi-mi por expor e denunciar tais abusos.

João Perles

19 de Setembro de 2019, 11h20

A situação nunca foi boa para os negros, mas agora estamos vivendo uma recaída dramática. Para piorar, têm surgido os grupos “revisionistas”, como o “Brasil paralelo”, que agravam as condições de debate, convertendo os dilemas sociais e étnicos em mimimi. “Brasil paralelo” chegou ao cúmulo de veicular um vídeo protagonizado por um “professor” negro em que ele nega a existência de racismo sistemático. Espero que a prefeitura de Belo Horizonte dê respostas bem mais contundentes do que essa nota precária veiculada no fim do artigo.